



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

ANDREIA REGINA DOS SANTOS

**ANÁLISE DISCURSIVA: O DISCURSO DA LOUCURA NO LIVRO
“HOSPÍCIO É DEUS” DE MAURA LOPES CANÇADO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

ANDREIA REGINA DOS SANTOS

**ANÁLISE DISCURSIVA: O DISCURSO DA LOUCURA NO LIVRO
“HOSPÍCIO É DEUS” DE MAURA LOPES CANÇADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Héric Silva Oliveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S233a

Santos, Andreia Regina dos.

Análise discursiva : o discurso da loucura no livro "Hospício é Deus" de Maura Lopes Cançado / Andreia Regina dos Santos. - 2021.

47 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Héric Silva Oliveira.

1. Análise do discurso literário. 2. Doenças mentais - São Gonçalo do Abaeté (MG). I. Cançado, Maura Lopes, 1930-1993 - Vida intelectual. II. Hospício é Deus - Crítica e interpretação. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 808.0014

ANDREIA REGINA DOS SANTOS

**ANÁLISE DISCURSIVA: O DISCURSO DA LOUCURA NO LIVRO
“HOSPÍCIO É DEUS” DE MAURA LOPES CANÇADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 29 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Héric Silva Oliveira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. José Marcos de França

Universidade Regional do Cariri - URCA

A meus pais Antônio dos Santos (in memória) e Regina Santos pela bravura que sempre tiveram em fornecer a mim um caminho junto à educação acreditando e apoiando meus sonhos e desejos.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”

Paulo Freire

RESUMO

Tendo em vista que o discurso é uma prática social, considerando como dimensão social e regente das relações humanas, a pesquisa sobre a obra de Maura Lopes Cançado, “Hospício é Deus”, possibilita ampliar as discussões e reflexões de como se realiza a constituição do sujeito na loucura. Assim, propondo realizar análises sobre a produção dos discursos dentro do hospício, além de compreender como os discursos do outro interferem na produção dos discursos e no silenciamento do indivíduos na loucura. A metodologia da pesquisa consiste numa pesquisa científica bibliográfica e descritiva, desenvolvida com base nas teorias de autores como: Oliveira (2017); Foucault (1978; 1996; 2006); Brandão (2006), Pêcheux (1988), Malidier (2003), Maingueneau (1997), dentre outros. Diante disso, observamos que a produção dos discursos é afetada pelo espaço do hospício, a exclusão produz o silenciamento do sujeito “louco”, o que impõe a constatação de que os discursos presentes na obra da referida autora em análise mostram as tentativas de uma intelectualidade extirpada pelas marcas dos estereótipos descritos pela sociedade, no tocante à loucura. Com base em todo o percurso realizado na presente tarefa desta pesquisa, obtivemos como resultado, a identificação de que o indivíduo é condicionado a interpelar-se a partir das relações que estabelece com o outro e os discursos-outros e, é constituído por estereótipos que o identificam como sendo um sujeito “diferente” dos demais, por conseguinte, reconhecido como louco.

Palavras-chave: Análise do discurso literário. Cançado, Maura Lopes, 1930-1993 - Vida intelectual. Doenças mentais - São Gonçalo do Abaeté (MG). Hospício é Deus - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

Bearing in mind that discourse is a social practice, considering it as a social dimension and governing human relations, the research on discourse analysis in the work of Maura Lopes Cançado, "The Hospice is God", makes it possible to broaden the discussions and reflections on how the constitution of the subject in madness takes place, proposing to analyze the production of discourses inserted in the space of the hospice and to understand how interdiscursivity interferes in the production of discourses and in the silencing of the subject in madness. Its methodology consists of a bibliographic and descriptive scientific research developed, among them: Oliveira (2017); Foucault (1978; 1996; 2006); Brandão (2006), Pêcheux (1988), Malidier (2003), Maingueneau (1997). Given this, we observe that the production of discourses is affected by the hospice space, the exclusion produces the silencing of the "crazy" subject, which imposes the verification that the discourses present in the work of the author under analysis show the attempts of an intellectuality extirpated by the marks of stereotypes described by society, regarding madness. Based on all the path taken in the present task of this research, we obtained as a result, the identification that the individual is conditioned to interpellate himself from the relations he establishes with the other and the discourse-others, and is constituted by stereotypes that identify him as a subject "different" from the others, therefore, recognized as crazy.

Key words: Cançado, Maura Lopes, 1930-1993 - Intellectual life. Hospício é Deus - Criticism and interpretation. Literary discourse analysis. Mental diseases - São Gonçalo do Abaeté (MG).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA DA PESQUISA	16
2.1	A FORMAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA (RECORTE)	17
2.2	PORQUE MAURA LOPES CANÇADO	18
2.3	O PERCURSO E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	18
2.4	PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DA PESQUISA	20
3	CONCEPÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO, LITERATURA E LOUCURA	21
3.1	ANÁLISE DO DISCURSO: VÁRIAS VISÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	25
3.2	ANÁLISE DO DISCURSO: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A LOUCURA	27
4	ANÁLISE DOS DADOS DA OBRA	31
4.1	QUEM É MAURA LOPES CANÇADO	31
4.2	LITERATURA E LOUCURA: REFLEXÕES DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS SOBRE A LOUCURA	32
4.3	A LITERATURA PELOS ENTREMEIOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	36
4.4	COMO O SUJEITO É CONSTITUÍDO OU INTERPELADO EM “HOSPÍCIO É DEUS”?	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Iniciaremos por traçar uma breve contextualização dos percursos dos estudos linguísticos que antecederam a Análise do Discurso. O estudo da linguagem sempre esteve presente na história da humanidade, seja com a invenção e reinvenção da escrita, seja no uso da retórica grega como a arte da palavra. No entanto, foi a partir de Saussure (2006) ¹, que ao relacionar a história aos conceitos de linguagem, língua e fala, numa formulação da linguística enquanto ciência, ao colocar a língua como um sistema de signos, porém essa teoria retira a fala dos estudos linguísticos.

Em “O aparelho formal da enunciação”, Benveniste (1989) ² retorna a fala aos estudos linguísticos por considerar a fala como o meio utilizado pelos indivíduos na produção de enunciados. Bakhtin (1929) em “Problemas da Poética de Dostoiévski”, o enunciado e o sujeito estão no centro dos estudos linguísticos bakhtinianos, porque o autor entende que é no discurso/enunciado que a língua materializa-se e possibilita a constituição do sujeito.

A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. Discurso, dir-se-á, o que é produzido cada vez que se fala esta manifestação da anunciação, não é simplesmente a "fala"? É preciso ter cuidado com a condição específica da anunciação: é um ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado que é o nosso objeto (BENVENISTE, 1989, p.82).

Consideramos, pois, que estes posicionamentos permitiram novas formas de pensar a linguagem em seu uso prático, dando ênfase na participação do sujeito como agente fundamental na produção de enunciados. Desse modo, contribuíram no desenvolvimento de outras áreas de conhecimento, tal como: a psiquiatria, onde Lacan resolve analisar como os sujeitos se constituem ao basear-se nos estudos freudianos sobre o ego e no sujeito cartesiano de Descartes, tal estudo de Lacan com o marxismo de Althusser e a linguística de Saussure, ajudaram Pêcheux, a inaugurar a ideia de uma análise automática do discurso da Escola Francesa do Discurso capaz de analisar e categorizar os discursos produzidos pelos sujeitos.

É a partir dos conceitos e métodos elaborados pela Análise do Discurso da Escola Francesa do Discurso, fundada por Pêcheux e pelas teorias de outros

¹ Curso de Linguística Geral foi elaborado por Ferdinand Saussure entre 1857 e 1913.

² Émile Benveniste escreveu Problemas da linguística Geral II em 1902-1976.

autores, que resolvemos observar a produção discursiva na obra da escritora Maura Lopes Cançado que se intitula como a escritora louca.

A obra literária da autora supracitada que será estudada consiste numa autobiografia, dividida em duas partes que, em certos momentos, se entrecruzam: na primeira, a autora fala sobre sua infância e a família; na segunda sobre sua estadia e o itinerário que ela acredita ter conduzido até o hospício. Apesar de tentar seguir uma linearidade, a autora quebra essa linha ao recorrer às memórias para explicar sua trajetória.

No livro, o hospício aparece como espaço de silenciamento e apagamento de qualquer marca de intelectualidade, por esta razão a escritora traz fragmentos de discursos de outros (intelectuais) para pontuar que nela existe conhecimento. Hospício é Deus, é um convite para entender como os estereótipos que acompanham a loucura retiram a condição de sujeito. Desse modo, essa obra passar a dá voz todos os indivíduos que viveram nos hospícios que foram silenciados pela sociedade.

A partir, da leitura de textos que compõem a bibliografia estudada nessa pesquisa, pretendemos compreender como o sujeito é constituído na loucura a partir da obra “Hospício é Deus”. Logo, definimos como perguntas norteadoras para a pesquisa: quais as relações entre a literatura e a loucura? No contexto da loucura, é possível ser constituído o sujeito? Assim, como a linguagem, a loucura também é uma construção sócio-histórica, ou seja, ambas tem entre si elementos passíveis de análises pelas ciências sociais, como a linguística que através da análise do discurso coloca o indivíduo e a língua numa perspectiva de uma relação social.

Essa visão da linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. O percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expressa a objetivação externa — a enunciação — desse conteúdo, e orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos (BRANDÃO, 2006, p.8).

Diante da construção investigativa preterida ao trabalho, e, com base nas perguntas norteadoras elencadas, definimos os objetivos específicos: 1- compreender a constituição do sujeito na loucura a partir da obra literária de Maura Lopes Cançado; 2- analisar a produção de sentidos nos discursos no hospício. O

corpus de pesquisa consiste do diário “Hospício é Deus” de Maura Lopes Cançado. Intencionalmente nosso recorte consiste em analisar a constituição do sujeito e a loucura como pontos centrais a serem observados pelo viés da análise discursiva. A pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva será realizada com base em material já publicado. Além de descrever e pontuar a transitoriedade entre a loucura e a razão, sendo estes, os ambientes em que o sujeito se instaura ou é instaurado na obra.

Deste modo, com base nas empreendidas por Foucault (1978); Pêcheux (1988). Malidier (2003); Maingueneau (1997) e outros autores que utilizaram os métodos da Análise do Discurso para analisar os enunciados presentes em textos orais e escritos. Assim, propomos analisar os discursos da escrita de Maura Lopes Cançado presentes na obra em estudo.

A organização da pesquisa foi estruturada da forma demonstrada abaixo seguindo uma sequência para facilitar a leitura e compreensão dos conteúdos apresentados neste trabalho.

No primeiro capítulo – A metodologia da pesquisa: nesta seção foram construídos e apresentados os procedimentos de análise. Além de orientar os leitores sobre as considerações iniciais, os objetivos e a categoria da pesquisa utilizada de acordo com as diretrizes para elaboração da pesquisa definidas por Gil (2017).

No capítulo 2 – Concepções sobre a Análise do Discurso: apresenta os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa. Além das observações acerca dos conceitos de enunciado, discurso, ideologia, formação ideológica e discursiva elaboradas por Pêcheux e Foucault. Enfim, apresentar os autores e teorias que fundamentaram esta pesquisa e como elas conversam para alcançar nosso propósito de construção e análise do *corpus* da pesquisa.

No capítulo 3 – A análise dos dados: diante do aporte teórico-metodológico será apresentada a análise dos dados da obra. Tendo em vista os discursos presentes na obra “Hospício é Deus” de Maura Lopes Cançado são atravessados pelos interdiscursos e por uma formação ideológica impregnada (ou não) nas relações de poder constituídas no contexto social.

Enfim, a Análise do Discurso de linha francesa apresenta-se como instrumento de reflexão, de modo a entendermos a constituição do sujeito, os efeitos de sentidos, formação ideológica e a formação discursiva presentes na loucura por considerar a materialidade histórica e os contextos de produção discursiva dos

textos. A seguinte seção irá mostrar os procedimentos metodológicos usados na elaboração do presente trabalho.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, optamos por apresentar os fundamentos teórico-metodológicos utilizados no desenvolvimento deste trabalho, por entender a importância de familiarizar os leitores sobre os pressupostos epistemológicos presentes em nossa pesquisa. Assim, direcionar para o *corpus* e os objetivos que constituíram a motivação desta pesquisa.

A escolha da metodologia adotada é fundamental para identificarmos os métodos aplicados para alcançar os objetivos definidos na elaboração no planejamento de uma pesquisa científica. De acordo com Gil (2008, p.8), “para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento”. A pesquisa será classificada como bibliográfica e qualitativa.

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar duplicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações podendo até orientar as indagações (MARCONI; LAKATOS, 20012, p.25).

Diante disso, inúmeras fontes bibliográficas foram analisadas, tais como: trabalhos acadêmico-científicos disponibilizados em repositórios acadêmicos de universidades disponibilizados na *internet* e em livros que abordam temas como a Análise do Discurso, loucura e as teorias literárias e o texto literário que compõe o *corpus* da pesquisa.

A pesquisa é qualitativa e descritiva, porque ao percorrer sobre o tema da loucura, traz um olhar sobre o indivíduo e a sociedade a qual faz parte. Além de pontuar a transitoriedade entre a loucura e a razão, sendo estes ambientes em que o sujeito é instaurado na autobiografia.

O objetivo principal da pesquisa é compreender a constituição do sujeito na loucura no livro “Hospício é Deus”. Diante do objetivo alçado, outras perguntas nos trouxeram inquietações sobre as possibilidades dessa representação. A seguir mostraremos o quadro esquemático com as perguntas que nortearam nossa pesquisa definidas a partir do objetivo geral.

Quadro 1 - Objetivo geral e perguntas da pesquisa

Objetivo	Perguntas norteadoras
Compreender a constituição do sujeito na loucura a partir da obra literária de Maura Lopes Cançado.	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as relações entre a literatura e a loucura? - Como o sujeito “louco” dá voz ao outro através da literatura? - Como o intelectual percebe- se dentro da loucura e como constituir-se como sujeito?

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, baseados nas perguntas elencadas no quadro um, propomos as seguintes hipóteses: 1- o sujeito na loucura constitui-se pelos discursos do outro; 2- os estigmas atribuídos à loucura causam interferências na constituição do sujeito. Por último, qual é a posição ocupada pelo sujeito-louco³ no enunciado.

2.1 A FORMAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA (RECORTE)

Por entender, que o texto literário pode ser um excelente repositório de discursos a serem analisados quanto a sua materialidade histórica, por representar um dado tempo e lugar em que os enunciados foram produzidos. Portanto, ao delimitarmos o texto de Maura Lopes Cançado de “Hospício é Deus”, como *corpus* da pesquisa, iremos discutir as formações discursivas, ideológicas, e a representação do hospício enquanto instrumento do Estado na formação das estruturas sociais.

Porém, a partir da leitura do diário, observamos a necessidade de fazer alguns recortes necessários para alcançar os objetivos específicos da pesquisa. Pois, a obra literária da autora pode ser explorada por diversos campos de estudo por porque não fica limitado apenas ao que será abordado nesse trabalho. Assim, nesse momento a camada de análise a ser dada a partir da leitura do objeto de pesquisa construído por “Hospício é Deus” de Maura Lopes Cançado, consistirá por

³ Termo criado para se referir ao sujeito interpelado dentro da loucura.

discutir a Constituição do Sujeito, Discurso, Formação Discursiva (FD), Formação Ideológica (FI) como objetos a serem analisados pelo viés da Análise do Discurso.

2.2 PORQUE MAURA LOPES CANÇADO?

Para responder esta pergunta iremos explicar brevemente como ocorreu a escolha pela obra. Primeiramente escolhemos a autoria da obra que após a realização de vasta pesquisa sobre obras literárias que tivesse uma representação da loucura como ponto chave do enredo. Durante, a disciplina de teoria literária II, fui apresentada as obras da escritora Maura Lopes Cançado pelo professor Dr. Igor Ximenes.

Tendo em vista a biografia (vida) e obra de Maura Lopes Cançado, que se auto intitula como a escritora “louca”, pode-se perceber certa complexidade presente em seu texto. A escolha do diário, “Hospício é Deus” ocorre por representar uma escrita na loucura, pois foi escrito durante o período o qual a autora ver-se internada no hospício.

Dessa forma, por entender que a loucura por si mesma constitui-se como um espaço de tensão social, onde as estruturas de poder apresentam-se de forma tão intensa nas relações entre indivíduos e o espaços. E, outro aspecto que motivou a escolha pela escrita foi o fato da autora supracitada considerar-se uma mulher intelectual, assim, coloca-se em pauta como o intelectual se percebe dentro da loucura.

2.3 O PERCURSO E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A escolha do objeto da pesquisa obedeceu alguns critérios pré-estabelecidos, que se adequassem às propostas contidas nos objetivos estabelecidos. Um dos critérios adotados foi que a obra literária teria como tema central a loucura, porém o personagem principal precisava ver-se como “louco,” para proporcionar uma representação que se reconheça como sujeito de direito.

Outro critério adotado, é que o autor/a tivesse uma relação pessoal com transtornos mentais em especial, a esquizofrenia/loucura. Além de ter experiência como interno no hospício, ou refletissem as relações de poder e exclusão no lugar

da loucura, como aborda Michel Foucault em seu livro “Os anormais”, onde mostra os interesses de controle social pelo Estado:

O perigo é a questão do distúrbio, é a questão da desordem, é a questão do perigo, que a decisão administrativa coloca o psiquiatra. Quando o psiquiatra recebe um doente internado ex-officio, ele precisa responder, ao mesmo tempo, em termos de psiquiatria em termos de desordens e de perigo ele tem que comentar sem que, de resto, suas conclusões condicione administração prefetoral, as possíveis relações entre a loucura, a doença, de um lado, e o distúrbio, a desordem, o perigo de outro (FOUCAULT, 2001 p.179).

Os percursos metodológicos consideram as condições de produção de autobiografia da autora supracitada, bem como o lugar onde a obra foi produzida. Desse modo, pretendemos através da AD e dos estudos de Althusser em “Os Aparelhos Ideológicos do Estado” para entender como as Ideologias interferem nos meios de produção dos enunciados e na interpelação dos sujeitos.

A metodologia utilizada como citada anteriormente, foi uma pesquisa bibliográfica com caráter analítico, baseado em fontes bibliográficas como os textos: Aplicação da teoria literária I Oliveira (2017); A hermenêutica do sujeito Foucault (2006); A ordem do discurso Foucault (1996); Introdução à análise do discurso Brandão (2006); e outros que serviram para fundamentar a pesquisa.

As atividades desenvolvidas foram organizadas por etapas: *a priori* organizamos a estrutura baseada nos objetivos específicos e nas perguntas norteadoras que surgiram durante as leituras dos textos literários e bibliográficos. A partir da definição do *corpus* da pesquisa, seguimos para as etapas de pesquisas bibliográficas usadas para fundamentar nosso estudo e a seleção dos textos bibliográficos relacionados à literatura, loucura e a Análise do Discurso.

É notória a importância de pensarmos nos impactos desse estudo para as pessoas com distúrbios mentais. Pois, são vítimas de preconceitos devido aos estigmas⁴ provenientes dos processos de exclusão social, que acompanham as doenças mentais desde a história da psiquiatria, que colocavam a imagem do ‘louco’ como um ser perigoso e sem capacidades intelectuais para desenvolver suas atividades. Destarte, salientamos que textos como: A história da loucura e “Os

⁴ Nos estudos da sociologia, o conceito de estigma social está relacionado com as características particulares de um grupo ou indivíduo que seguem o oposto das normas culturais tradicionais de uma sociedade.

anormais” Foucault (1978 -2001) são de suma importância, quando discutimos sob o prisma da loucura.

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, descritiva utilizamos a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Após, a delimitação do tema, objetivos e das hipóteses foram realizadas a partir de fontes secundárias, tais como: livros, revistas acadêmicas, teses, artigos e outros materiais relacionados aos fundamentos e procedimentos da Análise do Discurso de linha francesa.

Por conseguinte, organizamos as fontes teóricas de acordo com a proposta do trabalho e em seguida foram realizadas as pesquisas de duas obras literárias de mesma autoria: “Hospício é Deus” e “O Sofredor do Ver”, e terminamos por escolher como objeto de estudo a primeira obra, por ser produzida no hospício. Assim, procedemos por selecionar as variáveis do objeto de estudo a fim de comparar o texto literário com as teorias da Análise do Discurso que fundamentaram a pesquisa.

Os procedimentos utilizados na metodologia da pesquisa podem ser modificados para adequar os percursos do trabalho com os objetivos do trabalho, ou seja, pode ter uma ou mais fases revistas para alcançar os objetivos. Assim, com os procedimentos definidos para realizar a análise da pesquisa, seguimos por analisar os dados que serão apresentados no próximo capítulo.

3 CONCEPÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO, LITERATURA E LOUCURA

No contexto dos estudos da Linguística, a Análise do Discurso tem ocupado lugar de destaque entre as pesquisas acadêmicas. Porquanto, em decorrência de sua vasta possibilidade de trânsito entre as inúmeras áreas de conhecimentos, que veem em seus métodos, a oportunidade de analisar diversos discursos presentes em textos que envolvem as perspectivas sociais, históricas, linguísticas e culturais.

Inicialmente, apresentaremos o conceito de Análise do Discurso, para então, refletirmos sobre as ideias que a norteiam. A Análise do Discurso (doravante AD) é uma disciplina que estuda a língua em seu uso prático — o discurso; tal qual o seu contexto histórico — social; e sua materialização (textos orais e escritos).

Nos anos 60, Michel Pêcheux apresentou a proposição de uma AD de linha francesa baseada nos estudos de Canguilhem e Althusser, com a proposta de olhar a linguagem de maneira diferente dos linguistas. De acordo com Malidier (2003, p. 15), “o discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primário ou empírico”. Para a autora é no discurso que estão concentradas as demais questões sobre língua, história e sujeito desenvolvidas por Pêcheux.

Enfim, Pêcheux pensa a linguagem em seu uso prático ao colocar como objeto de preocupação o discurso e não mais a interpretação de textos e frases como era antes proposta por algumas correntes linguísticas. Assim, parte por construir uma teoria da Análise do Discurso.

Em 1969, Pêcheux publica a Análise Automática do Discurso (AAD) que teve como base o marxismo de Althusser e a psicanálise de Lacan, que desencadeou uma nova forma de pensar a Análise do Discurso. Conforme Malidier (2001, p.18), “Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso”. Logo, as teorias propostas pelo autor da AAD é a construção de instrumentos computacionais capazes de fazer a análise automática do discurso, para compreender como as ideologias atravessam as inúmeras categorias de discursos: políticos, religiosos, familiares, científicos, literários, acadêmicos dentre outros.

Dessa forma, também passaram a analisar a relação dos instrumentos ideológicos na formação discursiva tomada por empréstimo de Foucault e nos discursos produzidos pelo inconsciente. A partir dessas concepções teóricas

fundadas, por Pêcheux e outros autores, que a escola francesa de Análise do Discurso foi organizada em três épocas ou etapas distintas: AD-1, AD-2 e AD-3.

Na Análise do Discurso 1 ou AAD: Michel Pêcheux (1969), tem a iniciativa de criar um algoritmo computacional, que pudesse descrever e analisar os discursos de forma automatizada. Assim, desenvolve a ideia de “maquinaria discursiva”, ao ver o discurso como algo possível de ser acionado através de um dispositivo. Logo, poderia ser analisado automaticamente por instrumentos associados às teorias sobre o materialismo histórico de Althusser e a psicanálise de Lacan (discursos do inconsciente) que levaram a seguinte posição teórica:

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na verdade são seus "servos" assujeitados, seus "suportes". - Uma língua natural (no sentido linguístico da expressão) constitui a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos (PÊCHEUX, 1997, p.311).

A existência de certas regularidades linguísticas nos discursos e na posição de um sujeito como enunciador (sujeito-estrutura) dos discursos, faz Pêcheux acreditar ser possível uma análise automática realizada por algoritmos. Nesse caso ao receber certa quantidade de enunciados, o algoritmo executasse da seguinte maneira: 1- reunir os traços discursivos presentes nesses enunciados; 2- construir, a partir desses traços e procedimentos linguísticos regulados uma separação por "quadros" ou “máquinas discursivas”, por exemplo: ideologia, mitos, discurso político que seriam analisados para entender os padrões de discursos. Conforme Benveniste (1989, p. 84) o locutor (sujeito) se apropria dos aparelhos formais da língua para marcar sua posição de locutor/sujeito, pelo discurso por índices, procedimentos e o outro para referenciar-se no mundo.

No entanto, análise automática da AD-1, parece-nos retirar a autonomia do sujeito na produção de enunciados, e, nos remete a ideia de pensar o discurso como algo mecanizado, sem interferências do sujeito. Logo, seria apenas a reprodução de outros discursos.

Com relação à Análise Automática do discurso 2, Pêcheux toma por empréstimo de Foucault o conceito de formação discursiva para elaborar a teoria sob as relações de poder entre as “máquinas discursivas” estruturais. Agora, o foco

tornou-se as relações de forças exercidas por essas “máquinas” estruturais fechadas na formulação de dispositivos numa formação discursiva (FD).

Conforme Pêcheux (1997), uma FD é atravessada por elementos exteriores a ela, assim, não pode ser vista como uma estrutura fechada. Para tanto, se fez necessário inserir o interdiscurso para evidenciar como os elementos externos a FD interferem na interpelação ou assujeitamento do sujeito.

Com relação à Análise do Discurso 3: Pêcheux reformula os procedimentos para AD ao sugerir mudanças de pensamentos relacionados na AD-1 e AD-2. Então, Pêcheux propõe: 1- a inserção do discurso do outro atravessando a formação discursiva no assujeitamento do sujeito; 2- a divisão por etapas dos procedimentos da AD; 3- a construção de objetos discursivos, acontecimentos, memória discursiva, lugares enunciativos provenientes do interdiscurso; por último o rompimento com a ideia de “máquinas discursivas” estruturais.

O discurso continua a ser um dos objetivos de estudo da Análise do Discurso não apenas por Pêcheux como por outros autores que serão revisitados nesta pesquisa, porquanto, continuaremos a discutir os procedimentos e elementos constitutivos da Análise do Discurso, assim:

Para tanto, não temos a pretensão de descrever ou formular uma historiografia da Análise do Discurso, e sim propor uma reflexão sobre diversos fundamentos históricos já discutidos por inúmeros autores. Nesse sentido,

Na França, a Análise de Discurso é de imediato, concebida como um dispositivo que coloca em relação, sob uma forma mais complexa do que o suporia uma simples covariação, o campo da língua (suscetível de ser estudada pela linguística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica) (GADET, 1997, p.8).

Conforme Maingueneau (1997), a AD teve como base uma tradição europeia de refletir sobre os textos na história, aliando uma produção intelectual e escolar muito presente principalmente na França. Com a “escola francesa de análise de discurso”, onde, a AD passou a abrigar “problema” da psicanálise, do marxismo e da linguística. Deste modo, a Análise de Discurso se encaixa nas fissuras deixadas por estas disciplinas e, interessa refletir como as ciências humanas observam o sujeito como construção social e histórica.

De acordo com Fernandes (2008, p.12), o discurso é retirado da linguística ou dos estudos da linguagem, quando diz que o discurso como objeto da AD, não é a língua, o texto e nem a fala, e apenas se utiliza de elementos da linguística para se materializar. O autor utiliza para tal afirmação a ideia de exteriorização do discurso, neste caso, o discurso não é algo interno à língua, mas, compreende outras dimensões: social e histórica.

Análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2009, p.15).

A Análise do Discurso relaciona a linguagem em sua prática social, ou seja, com a participação do homem/sujeito como responsável em colocar a língua em movimento, pois ele é: quem diz; quem fala; quem profere o dito. O discurso está presente em nosso cotidiano. Pois, não muito obstatante ouvimos falar em discurso político, discurso religioso/pregações, discursos familiares e dos amigos. Enfim, o discurso faz parte de nossas vidas, às vezes, (re) definem nossa relação com o outro por um jogo ideológico, o qual nossos discursos são atravessados pelo discurso do outro.

Ao pensar o discurso como prática social: primeiro, o discurso é uma ação do sujeito sobre o mundo e sobre o outro, e, é também uma forma de representação; segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social; e por último e não menos importante, é o efeito da primeira.

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso e interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o "sistema-suporte das representações ideológicas [...] e o 'medium' social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais". (BRAGA, 1980 *apud* BRANDÃO, 2004, p.11)

Destarte, o discurso é moldado pelas estruturas sociais, logo podem ser replicados de forma coletiva dentro de um grupo social, como podemos observar, por exemplo, nas instituições religiosas, na família e na escola. Diante de tais afirmações trataremos por apresentar algumas categorias da Análise do Discurso de

perspectiva francesa no tocante a alguns conceitos-chave da AD, tais como: sujeito, formação ideológica, formação discursiva, discurso e interdiscurso.

Para Louis Althusser, a ideologia materializa-se no discurso, pois é na ideologia que os indivíduos são interpelados em sujeitos, os assujeitando-o num espaço de neutralidade que é materializada pelos meios de produção que conferem os efeitos de sentido de acordo com o lugar o qual o sujeito se reconhece. Os efeitos de sentido podem ser construídos pela interdiscursividade que revela como o discurso produzido por um sujeito é afetado por outros discursos. Na próxima seção apresentaremos conceitos referentes à constituição do sujeito.

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO: VÁRIAS VISÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A noção de sujeito aparece representada de diferentes formas. Na Análise do Discurso, o sujeito apresentado não se limita a um indivíduo ou pessoa de forma particular no mundo. O sujeito em questão é o discursivo.

Iniciamos por apresentar a ideia crítica de Lacan⁵ com respeito do sujeito cartesiano, que assume ao pensar na constituição do sujeito como instância de sujeito como exemplifica nesta célebre frase: “Penso, logo existo/Eu penso, logo existo”, onde, o “Eu” condiciona a existência do sujeito ao ato de pensar no consciente (razão), e precisa repetir a todo tempo para se convencer da sua própria existência.

Lacan baseia-se no conceito de clivagem do ego de Freud para construir um sujeito a partir da divisão entre o eu (falso ser) consciente e o “eu inconsciente”. (Fink, 1998, pp.62-3). Continuamos recorrendo à psicanálise e conforme Elia (2010, pp.15-6) o sujeito não pode ser considerado como conceito, pois o sujeito não se enquadra como constructo científico e sim a uma categoria que se impõe a

⁵ Jacques-Marie Émile Lacan (Paris, 13 de abril de 1901 — Paris, 9 de setembro de 1981) foi um psicanalista francês. Depois dos estudos em Medicina, Lacan se orientou em direção à Psiquiatria e fez seu doutorado em 1932. Depois de ser analisado por Rudolph Loewenstein, ele passou a integrar a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) em 1934, e nesta é eleito membro titular em 1938. O aspecto inovador dos seus temas e sua concepção da cura psicanalítica conduziram as cisões com a SPP e instâncias internacionais. Para isso, utiliza-se da linguística de Saussure (e posteriormente de Jakobson e Benveniste) e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, tornando-se importante figura do Estruturalismo.

experiência e a exigência científica (psicanálise). Ou seja, para o autor, não podemos criar um conceito definido de sujeito porque ele não é uma construção científica e sim o objeto de pesquisa da psicanálise.

Se partirmos da metáfora do edifício, empreendida por Marx e reproduzida por Althusser, para pensarmos na interferência das ideologias na representação do mundo pelo indivíduo, onde a infraestrutura do edifício é que mantém os andares superiores e que estes dependem da eficiência da infraestrutura para permanecerem em pé (firme). Ou seja, o indivíduo seria os andares e a ideologia a base da qual o indivíduo se apoia, assim os indivíduos seriam assujeitados em sujeito pela Ideologia.

Vejam os que se passa com os indivíduos que vivem na ideologia, isto é, numa representação do mundo determinada (religiosa, moral etc.) cuja deformação imaginária depende de sua relação imaginária com suas condições de existência, ou seja, em última instância da relação de produção e classe (ideologia= relação imaginária com as relações reais), diremos esta relação imaginária é em si mesmo dotada de uma existência material. (ALTHUSSER, 1985, pp.89-90)

Diante dessa posição existem relações ideológicas, que estão enraizadas nas estruturas sociais que regem as relações humanas e materializam-se nos discursos: religiosos, políticos, jurídicos e outros. Entretanto, nem sempre conseguimos perceber a influência das ideologias em nosso cotidiano, porque essa relação ideológica encontra-se naturalizada no simbólico das representações da realidade.

A constituição do sujeito só pode ser dada pela ideologia conforme Althusser (1985 p. 89,90), o indivíduo sempre existe, o sujeito é interpelado pela ideologia antes mesmo de seu nascimento, quando já é reconhecido pelo grupo familiar: na expectativa por seu nascimento, pelo gênero (menina ou menino), pelo nome que lhe é dado, etc. Já, Benveniste (1988, p.286) baseando-se no conceito de ego de Freud, afirma que o sujeito só pode ser constituído pela linguagem por estar fundamentada na realidade do sujeito.

Para Orlandi (2009, p.46) em conformidade com Althusser ao afirmar que o sujeito é constituído e interpelado pela ideologia. A autora referencia Pêcheux para explicar como a ideologia aparece para o sujeito numa produção de sentido apresentando por meio de dissimulação.

Ou seja, a ideologia não é transparente ao sujeito, logo, ele não consegue percebê-la em seus discursos, porque aparece “no já dito” que são os discursos de

outros presentes no inconsciente. A Ideologia opera no sujeito através de um rastro de subjetividade, de forma tão naturalizada que o sujeito passa a perceber essa interferência/assujeitamento como autonomia sobre o que diz. Assim, o sujeito apropria-se das ideologias como algo que pertencesse a ele próprio.

Não é evidente, na análise de discurso, a noção psicológica do sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem pela história, sob o modo do Imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e a história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2009, p.48).

Assim, essa submissão sob a qual o sujeito está posto, não é transparente, ela opera na ideologia como a refração do mundo (realidade), de suas estruturas/instituições por ser o discurso ideológico, um lugar onde as exclusões e limitações se realizam, uma das formas de marcar o lugar do sujeito, de legitimar o que ele pode ou não dizer.

Conforme Foucault (1987, p.9), o “Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar”. Estas reflexões a respeito da constituição e instauração dos sujeitos serão de extrema importância para pensarmos como a ideologia age na loucura ao interpelar o sujeito, como o discurso do “louco” é moldado pelo contexto. No próximo capítulo serão discutidos os pressupostos teóricos que pensam o(s) sujeito(s) neste contexto.

3.2 ANÁLISE DO DISCURSO: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A LOUCURA

A loucura serviu como fonte de inspiração para inúmeras obras de arte, principalmente na pintura e literatura como em um dos quadros de Narrenschiff inúmeros dos países europeus no período da Renascença, para expurgar e lançar ao mar os loucos com o ideário que fosse purificado e suas cidades limpas de tal mal social (FOUCAULT, 1972, p.7).

Na história da loucura, fazendo um paralelo com o que aconteceu com os leprosos na Idade Média que até se obtivesse a cura da lepra, a exclusão dos

indivíduos vitimados pela loucura da sociedade os processos em quase nada se diferenciam.

Esse fenômeno é a loucura. Mas será necessário um longo momento de latência, quase dois séculos, para que esse novo espantinho, que sucede à lepra nos medos seculares, suscite como ela reações de divisão, de exclusão, de purificação que, no entanto lhe são aparentadas de uma maneira bem evidente. (FOUCAULT, 1972, p.12)

Ainda no período da Renascença, a loucura ganhou espaço e certa “liberdade”, proveniente de um novo olhar da literatura e das obras plásticas sob as inquietações humanas. Todavia, com o surgimento do racionalismo e o desenvolvimento da ciência no tratamento dos transtornos mentais, surge a figura dos hospícios, onde a loucura passa a ser controlada ou tratada pelo Estado.

Conforme Elia (2010), a ciência moderna foi a responsável por instaurar a noção de sujeito da ciência, porém não opera sobre ele e o exclui do campo científico. Com a psicanálise esse sujeito é resgatado ao subverter a ideia de ciência moderna que passou a operar sobre ele, a partir, das teorias do inconsciente (ID) e o EGO de Freud. Todavia, Lacan foi quem introduziu o sujeito na psicanálise ao relacionar a constituição do sujeito no inconsciente.

Ora, o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que, sendo assim, é a palavra a via de acesso a ele. Estaria partindo do saber pronto, adquirido e acumulado (a proposição lacaniana, que é de primeira hora em seu ensino, de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem) para, comodamente, furtar-me ao trabalho que a pergunta efetivamente exige. (ELIA, 2010 pp.20-1)

Diante desta relação entre a psicanálise, linguística e as críticas sob o sujeito cartesiano, como visto no capítulo anterior. Porquanto, Lacan pensa no sujeito que se constitui no inconsciente, porque este não se instaura nem no “eu” e nem no “tu”, mas, que se constitui a partir do discurso do outro, o qual denomina como sujeito dividido. Já, Benveniste descarta a interpelação do sujeito nessa concepção lacaniana por acreditar que o sujeito apenas é constituído no “eu”. Assim, retira o louco da categoria de sujeito com base nos pensamentos de Lacan.

A linguagem como o Outro não transforma automaticamente uma criança *homo sapiens* num sujeito; ela pode falhar, como falha na psicose. Essa clivagem não é algo que possa ser explicado em termos estritamente linguísticos ou combinatórios. Portanto, ela está além da estrutura.

Embora aqui o sujeito não seja nada senão uma clivagem entre formas de alteridade - o eu com outro e o inconsciente como discurso do Outro - a clivagem em si permanece além do Outro. (FINK, 1998, p. 68, grifo do autor).

Assim, Lacan concebe a clivagem/separação na subjetividade como o sujeito que está dividido em si próprio, numa transitoriedade, onde, esse sujeito dividido ou alienado tenta ultrapassar as estruturas/divisões a partir do discurso do outro. Ou seja, é interpelado pelos discursos dos Outros, que está no plural porque, quando pensamos nas relações ideológicas discutidas por Foucault e por Althusser, percebemos que este Outro, traz inseridos outros discursos que não são deles, mas, que se encontram enraizados nas instituições.

E a instituição responde: "Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém" (FOUCAULT, 1996, p.9).

Para Foucault as relações de poder se inscrevem no indivíduo pelas instituições que atravessam a existência do sujeito num jogo de manipulação e controle dos discursos através de intervenções e exclusões que se manifestam de diferentes formas e lugares. Na loucura, essas intervenções e exclusões foram substituídas pela separação e a rejeição. Quando, portanto, observamos as relações discursivas sob a loucura pensemos: qual o lugar do sujeito da loucura? Quem é o sujeito "louco"?

Foucault (1996, p. 9) o discurso do louco tem sua circulação restringida e sua palavra negada ou, posta como uma verdade que não pode ser dita, logo é excluída ou silenciada, posta como nula, ou seja, a palavra do louco é destituída de qualquer importância social não sendo ouvida. E, apesar dos discursos promovidos pelas reformas psiquiátricas/instituições, onde, dizem que hoje o discurso do louco é ouvido, na verdade, é ouvido para que através de médicos, psicólogos, enfermeiros e a família operem a rejeição ou seu silenciamento.

Melhor deixar a cultura clássica formular, em sua estrutura geral, a experiência que teve da loucura, e que aflora com as mesmas significações, na ordem idêntica de sua lógica interna, aqui e ali, na ordem da especulação e na ordem da instituição, no discurso e no decreto, na palavra e na palavra de ordem - por toda parte onde um elemento portador de signo pode assumir, para nós, valor de linguagem. (FOUCAULT, 1978, p.277)

Benveniste (1988, p.289), a linguagem é a possibilidade e o discurso é o que provoca a subjetividade. A linguagem propõe formas vazias que o sujeito se apropria para constituir-se a partir do eu, que instaura um tu para que comunicação aconteça de fato. Todavia, o autor não admite outra possibilidade de constituição do sujeito fora do 'eu'.

Conforme Brandão (2004, p.57), existem na subjetividade, outras maneiras possíveis de constituir o sujeito sem que o eu seja acessado. Trazendo à memória os discursos científicos e o discurso do esquizofrênico que se apresentam marcados pela impessoalidade e formas indeterminadas que são instaurados por ele.

De acordo com Fink (1998, p.76), o sujeito lacaniano se constitui também a partir do desejo do outro, ele parte dessa afirmação para explicar que o sujeito alienado seria um sujeito vazio que se constitui pelo sentido que lhe é atribuído, desse modo, o sujeito lacaniano é instaurado na relação significado e significante, ou seja, de acordo com o sentido que o outro lhe atribui, por estar pautado no simbólico.

Enfim, a partir desses pressupostos teóricos da Análise do discurso realizamos a análise dos dados extraídos do livro "Hospício é Deus" que constitui o *corpus* da pesquisa. A próxima seção será dedicada para apresentar a relação entre as teorias e procedimentos da Análise do Discurso e o texto literário que pode ser percebido como um espelhamento da realidade.

4 ANÁLISE DOS DADOS DA OBRA

Neste capítulo de análise dos dados da pesquisa teremos como ponto de partida a autobiográfica escrita por Maura Lopes Cançado. Desse modo, selecionaremos como objeto de estudo os discursos de textos literários encontrados no livro “Hospício é Deus”.

Com o desejo de nortear os leitores desse trabalho a considerar as relações entre discurso e ideologia nas representações da loucura na literatura. Portanto, consideramos a formação discursiva e ideológica na interpelação do sujeito e as condições de produção do discurso.

4.1 QUEM É MAURA LOPES CANÇADO

Maura Lopes Cançado nasceu em 27 de janeiro de 1929, na cidade de São Gonçalo do Abaeté, em Minas Gerais. Filha de fazendeiros pertencia a uma família da aristocracia mineira, com forte influência na política de Minas Gerais e do Brasil. Abusada sexualmente na infância por um funcionário da fazenda de sua família, teve uma infância conturbada e angustiada.

Aos 14 anos entrou para o aeroclube, onde conheceu o filho de um militar com quem se casou aos 15 anos, idade na qual teve seu filho Cesarion Praxedes, jornalista e escritor falecido no ano de 2003. Contudo, o casamento não demorou por muito tempo, pois durante o período em que esteve casada começou a acreditar ser apaixonada pelo sogro.

Depois, do divórcio descobriu o preconceito e violência que as mulheres divorciadas sofriam naquela época, algo que colaborou a piorar o estado da sua saúde mental, então, foi internada no hospício. Durante a década de 50, Maura Lopes Cançado mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde passou a viver de forma boêmia junto a artistas, poetas e escritores. Logo, incentivada por amigos começou a escrever e convidada por Assis Brasil para trabalhar no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil-SDJB.

Durante este período, a autora enfrentou diversas crises psiquiátricas que resultaram em sua internação no hospício. Durante uma dessas internações, escreveu seu livro mais celebrado, “Hospício é Deus”. Porém, quando publicado em 1968, fora considerado uma obra polêmica, pois se configurava como um livro-

denuncia que transitava entre uma autobiografia e o diário, espaço ao qual a autora utiliza para publicitar os relatos das diversas violências e abusos experimentados em meio à internação no hospício Engenho de Dentro eram publicitados.

Entretanto, na década de 70, a escritora passou por um dos momentos mais difíceis da vida. Porque, em meio a uma crise assassinou uma enfermeira que trabalhava no hospício. Enfim, depois de julgada e considerada inimputável condenada a cumprir pena numa clínica psiquiátrica especializada, mas, por não existir este tipo de atendimento para mulheres teve de cumprir pena em casas de custódia.

Em liberdade vigiada, não conseguiu mais voltar a escrever. Em 1993, faleceu devido a problemas nos pulmões, sem realizar o sonho de tornar-se a maior escritora da língua portuguesa. Maura Lopes Cançado nunca entrou para o cânone da literatura brasileira.

4.2 LITERATURA E LOUCURA: REFLEXÕES DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS SOBRE A LOUCURA

Iniciaremos por entender como a literatura foi (re) construída ao longo do tempo e como se relaciona com a loucura. Para Aristóteles em sua “Arte Poética”, a literatura era tida como uma imitação da realidade, que se faz possível por causa da verossimilhança⁶. No entanto, foi a partir dos estudos literários, que começaram as inúmeras tentativas de conceituar e não a de definir o que é literatura.

A literatura constitui-se pela teoria como um campo multidisciplinar. Conforme Culler (1999, p.26) seria mais necessária uma análise que definir o que é literatura, ou pensar na literalidade presente em textos não literários, e como também refletir em quem decide o que é ou não literatura em uma determinada sociedade.

Mas, foi na década de vinte os formalistas russos relacionaram a literatura ao formalismo linguístico conferindo a materialidade literária. Assim, retiram-se os aspectos sociológicos, psicológicos e sociais que de certa maneira implicam nas condições de produção dos textos literários. Pois, a literatura era considerada pelos formalistas russos como conjunto de desvios da norma, uma “violência linguística”, e

⁶ Verossimilhança é a impressão da verdade que a ficção consegue provocar no leitor. Alguns filmes, novelas, livros são exemplos de verossimilhança, pois apresentam os fatos semelhantes ao que acontecem na realidade vivida.

uma forma especial de linguagem que diferenciava-se da linguagem comum pelo estranhamento.

A ideia de que existe uma única linguagem "normal", uma espécie de moeda corrente usada igualmente por todos os *membros* da sociedade, é uma ilusão. Qualquer linguagem *em* uso consiste *em* uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação *etc.*, os quais de forma alguma podem *ser* simplesmente unificados em uma única comunidade linguística homogênea. O que alguns consideram norma, para outros poderá significar desvio: usar "ginnel" (beco) *em* lugar de "alleygnay" (travessa) pode *ser* poético *em* Brighton, mas constitui linguagem comum *em* Barnsley. Até mesmo o texto mais "prosaico" do século XV pode nos parecer "poético" hoje devido ao *seu* arcaísmo. Se parássemos com um fragmento escrito isolado de alguma civilização há muito desaparecida, não poderíamos dizer se se tratava ou não de "poesia" apenas pelo exame que faríamos dele, já que não teríamos acesso aos discursos "comuns" daquela sociedade; e *mesmo* se uma pesquisa revelasse posteriormente que esse texto era um "desvio" da norma, ainda assim não ficaria provado que se tratava de poesia, pois nem todos os desvios linguísticos são poéticos. (EAGLETON, 2006, p.7)

O autor explica que nem todos os desvios linguísticos podem ser considerados poéticos, como por exemplo, a gíria que é considerada como um desvio da norma culta da língua, mas não é poética. Logo, pensar na literatura como algo homogêneo, equivaleria dizer que as línguas são genéricas retirando suas dimensões histórico-sociais e culturais.

Diante disso, constatamos que, a literatura tem por função social representar a realidade de forma fictícia, retratando momentos históricos através da perspectiva do autor ao refletir sobre a sociedade em que vive, mas, sem perder as características que o tornam o texto literário. Conforme Candido (2006, p.13), não pode desvincular a realidade social da literatura, apenas conseguimos compreender uma obra literária quando fundimos texto e contexto "numa interpretação dialética". Para Culler (1999, p.38) tanto a relação entre os falantes e o que os autores pensam quanto, aos acontecimentos narrados são uma questão de interpretação.

Por considerar que o discurso não ficcional se insere num contexto que direciona a forma de pensar das pessoas, já o contexto ficcional deixa em aberto à interpretação que, confere à literatura ficcional a referência de mundo. Para tanto, ao relacionar a literatura à loucura, precisamos pensar não numa descrição da realidade, mas, na forma que represente as pessoas com distúrbios mentais enquanto sujeitos históricos e de direito.

Na literatura brasileira encontramos inúmeros autores, que mostram representações de “loucos” em suas obras, dentre eles Machado de Assis, que em, “O Alienista”, traz a loucura como uma alegoria para refletir sobre os rumos da psiquiatria (ciência) no Brasil do século XIX, onde, se tenta de qualquer forma enquadrar as pessoas no que o alienista considera razão ou alienação.

Em tantas outras obras, encontraremos a loucura como algo risível, satirizando o indivíduo “louco”, onde o espaço a ser ocupado por ele em inúmeras vezes é o da exclusão social, do abandono, neste caso a literatura tenta espelhar a realidade, e, é refletida pela sociedade. Para Lukács (1965, p.12) nenhum dos campos sociais inclusive a arte não possuem uma história autônoma que resulte de uma dialética própria, ao invés disso, são determinados pela história da produção social.

A literatura representa a loucura no decorrer do tempo, então interessa pensar a forma como a sociedade trata esse fenômeno social. Foucault relaciona “A História da Loucura”, com os inúmeros campos sociais que permearam a história social da humanidade. Logo, em parte, descreve as maneiras cruéis como os “loucos” foram tratados desde as naus dos loucos até a construção dos hospícios.

Para dar continuidade nas discursões a cerca da relação entre literatura e loucura é preciso compreender os conceitos. De acordo com a história das doenças mentais o termo loucura modificou-se com o tempo. Conforme o dicionário Michaelis (2020), a loucura é uma “doença mental caracterizada pela alienação total do indivíduo em relação aos fatos que lhe são pertinentes”.

Assim, para entender o que é a loucura, precisamos compreender como o normal se constitui dentro de uma sociedade. Conforme Foucault (1978, p.148), “esse homem normal é uma criação”, e precisa ser situado, porque se constitui num sistema que o reconheça como “*socius*⁷” ao sujeito de direito; e, como o louco foi afastado dessa condição não pela doença e sim pela cultura que o colocou entre o decreto social do internamento e a jurisprudência que define quem são os “sujeitos” de direito.

A Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984 em seu Artigo 26 afirma que:

É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardado, era, ao tempo da ação ou da omissão,

⁷ Socius é uma palavra em latim que significa: amigo, aliado dentre outros.

inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento (BRASIL, 1984).

Em conformidade com a Lei descrita, queríamos exemplificar de maneira clara o uso da psicanálise na jurisprudência. Para isso, citaremos como aplicação dessa lei, o caso de Adélio Bispo de Oliveira, acusado de tentar matar o então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro. Adélio Bispo foi “absolvido” do crime por ser considerado inimputável, por ser portador de doença mental, porém cumpre pena em casa de custódia, caso semelhante ao ocorrido com a escritora Maura Lopes Cançado.

Todavia, ideia deste trabalho não é discutir a loucura a partir dos métodos da psicanálise. Portanto, não nos debruçamos em discutir mais profundamente os estudos psicanalíticos nem a historiografia das doenças mentais no Brasil.

No entanto, precisamos olhar para a relação literatura e loucura como uma construção social, onde a literatura é atravessada pelas instituições/estruturas que propagaram as ideias sobre ser “louco” durante a história da sociedade. De acordo com Foucault (1978, p.561) foi por *Le Neveu de Rameau*⁸, que a literatura faz reaparecer a loucura no domínio da linguagem, onde, o louco passa a enunciar, ou seja, é instituído pelo eu, logo, assume a posição de sujeito do discurso. Isto nos faz pensar na importância da literatura como aporte social e na relação autor e sociedade.

Como menciona Candido (2006, p.54), a literatura possui três funções: a função total deriva de um sistema simbólico e representações individuais e coletivas faz parte do patrimônio social, a social ou sociológica tem o papel de estabelecer relação entre obra e sociedade e a ideológica refere-se às ideias que o autor pensa em transmitir pela obra.

Talvez, seja possível perceber essas funções definidas por Candido (2006), no *Alienista* de Machado de Assis, que, como dito anteriormente faz uma crítica da

⁸ O Sobrinho de Rameau (tradução em português) é um diálogo filosófico imaginado por Denis Diderot entre *Ele* (Jean-François Rameau, sobrinho do célebre músico) e *Eu*. Os temas recorrentes na discussão são a educação das crianças, o gênio, o dinheiro. A conversa muda de assunto a cada instante e trata também de personagens da época. Foi publicado pela primeira vez em 1805. No prólogo que precede o diálogo, o Eu apresenta Ele como sendo original, excêntrico e extravagante, cheio de contradições, “composto de profundidade e de baixeza, de bom senso e de desrazão”. Na verdade, ainda que reais, os dois personagens são, nesse caso, alegorias e o diálogo é, acima de tudo, entre Diderot e si próprio acerca da vida e da moral.

maneira como a sociedade brasileira do século XIX, modifica a forma de enxergar a loucura com a criação do manicômio, e passam acreditar que a ciência é uma verdade irrefutável.

Um dos pontos que demonstram essa ideia do autor, é quando Simão Bacamarte diz: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal” Assis (1994, p.4) e “A questão é científica, *dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática*” Assis (1994, p.34).

Interessa-nos neste caso é o duplo discurso que opõe o discurso científico que tenta generalizar a loucura e no outro o sujeito que se percebe como “louco” em um único indivíduo. A obra supracitada, de Machado de Assis, apenas serviu para refletir a importância de analisar o discurso literário em “Hospício é Deus” pelos entremeios da Análise do Discurso.

4.3 A LITERATURA PELOS ENTREMEIOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ao realizar tal análise se torna complexa por tratar-se de uma obra literária de emergência, como define Hidalgo (2008, p.227) “uma escrita detonada pela emergência da auto expressão, de um *eu* extraviado no limite vida-morte, empenhado em lidar literariamente com a situação emergencial”. Logo, pensar nos discursos e na produção de sentidos neste tipo de literatura, pode dar novas expressões que ultrapassam os limites das teorias literárias.

A inscrição do campo literário na sociedade se revela igualmente problemática. Decerto esse campo faz, um certo sentido, "parte" da sociedade, mas a enunciação literária desestabiliza a representação que normalmente fazemos um lugar, com um fora e um dentro. Os "meios" literários são de fato fronteiras. A existência social da literatura supõe ao mesmo tempo a impossibilidade de se fechar sobre si e a de se confundir com a sociedade "comum", a necessidade de jogar com e nesse meio termo. (MAINGUENEAU, 200, p.27)

A Análise do Discurso (AD) vê a literatura como uma expressão da linguagem e do mundo. Deste modo, observar mesmo que brevemente a abordagem da AD sobre a literatura, para também compreender como o contexto do hospício interfere

na produção dos discursos literários presentes na obra que será um dos nossos objetos de estudo.

Para o analista do discurso, importa estudar o discurso enquanto produto social, e o contexto de produção. Assim, devemos pensar essas questões, por exemplo, quando nos referimos ao autor do texto, principalmente, no que tange a literatura de urgência. Por isso, perceber como os discursos nesses textos se insurgem contra os discursos institucionais e os produzidos nos lugares da exclusão e marginalidade, onde, os “loucos” são destinados pela sociedade.

Outra questão a ser observada é a ideia de discursos de origem ou discursos constituintes, que servem para compreender o que é dito e quem diz, dentre outros fundamentos da enunciação. Para Procópio (2013), o discurso literário pertence à categoria dos discursos constituintes, ou seja, legitimados pela própria enunciação, ou, pelas cenas enunciativas onde os discursos são produzidos pelo ato de dizer.

Logo, pensar na constituição do sujeito na loucura, que se instaura a partir de outro modo que não no “eu”, mas no “outro”. Que segundo a concepção de sujeito forjada por Lacan, é um sujeito fendido, que se constitui no consciente e no inconsciente, é um efeito da fala do discurso. Consequentemente, será um dos fundamentos usados para entendermos com maior clareza o assujeitamento do sujeito na loucura em “Hospício é Deus”.

Enfim, nos dedicaremos a analisar o texto considerando algumas noções fundamentais elaboradas nas três fases da AD, tais como: a constituição do sujeito, o contexto, a formação discursiva e ideológica, os interdiscursos e dentre outros.

4.4 COMO O SUJEITO É CONSTITUÍDO OU INTERPELADO EM “HOSPÍCIO É DEUS”?

O discurso enquanto expressão da linguagem é determinante para a análise dos dados da obra. Pois, permite compreender como o sujeito é interpelado no texto literário em questão. Portanto, iniciaremos por observar e analisar as lembranças da infância, por ser uma escrita de si, ou seja, quem escreve fala de si próprio.

Em uma das lembranças de infância a autora se auto-referencia como uma criança morna e excessiva, como mostra a seguir no recorte 1. Essa auto-referência, serve como espaço propício para construir uma imagem de si, de representações

para a construção de uma identidade, onde possa adquirir uma autoridade sobre a própria história, remontando lugares e memórias.

Recorte 1

“Eu era morna, doce e presente - o que se toma no colo deixando o coração macio e feliz. Sobretudo em mim havia a surpresa: esperavam apenas uma menina, e subitamente me mostraram mais. Creio que em nada desapontei. Ao contrário, como criança fui excessiva”. (CANÇADO, 1968, p.9).

Na primeira parte do diário, existe um desconforto com as ausências da memória ao recordar da infância e família: **“Estas são as lembranças mais remotas – despidas de angústia”** Cançado (1968, p.9), e, **“muitos fatos se perdem no longe da minha memória”** Cançado (1968, p.10). Enfim, faz referência aos danos causados a memória pela doença, logo recordamos dos relatos de pessoas assistidas pelo CAPS-Centro de Atenção Psicossocial, da cidade de Santo Amaro, que durante as realizações de oficinas de literatura para auxiliar na socialização dos assistidos, reclamavam que com o passar dos anos com a doença a memória se tornou cada vez mais escassa.

Para a autora essas lembranças colaboram para uma autocrítica sobre as condições de sua saúde mental ainda na infância, como mostra o recorte a seguir:

Recorte 2

“Não creio ter sido uma criança normal, embora não despertasse suspeitas. Encarava-se como uma menina caprichosa, mas a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar” Cançado (1968, p.15).

Neste recorte, assume o lugar de louca pela primeira vez ao perceber os sintomas que já apontavam sofrer de esquizofrenia desde a infância. A narradora assume a posição do eu no discurso, que não aparece tão explícito, mas que tentar mostrar autoridade ao falar de si, mesmo que o papel social imposto à narradora seja o da louca.

Porém, pode-se verificar também a presença dos discursos outros interferindo em sua formação discursiva. Talvez, sejam essas falas ditas por familiares e empregadas da fazenda que de tanto ouvi-las terminou por internalizar essa formação imaginária formulada pelo Outro.

“EU ERA UMA MENINA DE NOITE”. Cançado (1968, p.15), ao usar as fontes diferentes do texto, o narrador-sujeito evoca uma materialidade discursiva. Conforme Maingueneau (2001, p.84), “A transmissão do texto não vem após sua produção, a maneira como ele se institui e materialmente é parte integrante de seu sentido”, ou seja, ela marca o tempo e o lugar, ela cria o espaço e o tempo para sua escrita através da materialidade”.

A autora utiliza elementos tipográficos para gritar para sociedade, que assim como aquela menina ela sentia medo e precisava de proteção. Assim, nesse discurso o sujeito assume o “eu” como lugar de instauração do sujeito, logo exige um lugar de fala, que é legítimo, a autoridade sobre o que dito.

Recorte 3

“Por influência de uma amiga bem mais velha que eu (minha admiradora), julguei tornar-me nazista, passei a estudar alemão com uma freira luxemburguesa Mère Esperance, dispus-me a me tornar espiã a favor do Eixo — à espera de uma oportunidade para me por a disposição do Fuhrer” Cançado (1968, p.15).

No recorte 3, percebe-se uma formação discursiva que é formada por outras formações discursivas de outros, ou seja, existem discursos de outros sujeitos, como por exemplo, os discursos da amiga a quem motivada pelo narcisismo da própria narradora passa a considerar como admiradora. Além da influência da instituição que coloca discursos de superioridade racial e social enraizados pelos processos de exclusão e seleção dos tipos de quem poderia frequentar esse espaço (a escola).

Em “hospício é Deus”, aparecem esses e outros termos utilizados pelos nazistas, como também citações de textos do filósofo Nietzsche, quem algumas pessoas acreditavam ser apoiador do nazismo. Logo, serve para exemplificar como as instituições e ideologias assujeitam os sujeitos de forma naturalizada.

Outro ponto de relevância na análise e observação do texto literária em estudo são os discursos e a maneira como a autora ver a morte, em especial seu olhar particular sobre a relação entre morte e loucura. No entanto, o discurso sob o medo de certa eternidade do louco, por ele significar uma eternidade na loucura, na dor, no medo, na opressão, no preconceito, no medo da própria morte e na prisão que se tornou o hospício.

Contudo, os discursos sobre a morte e loucura soam com maior intensidade no momento em que se vê dentro do hospício. Cançado (1968, p.25) **“o que me**

assombra na loucura é à distância – os loucos parecem eternos”, para a autora a morte e a loucura assemelham-se pela sensação de eternidade e pela distância.

Recorte 4

Conquanto nos dois estados encontro ponto de contato – o principal é a distância. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. Nele não encontramos a falta. Nos parece excessivo, movendo-se noutra espécie de vibração. Junto dele estamos sós. Não sabemos situá-lo fica-se em dúvida: onde se acha a solidão? O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno. (CANÇADO, 1968, p.25)

No recorte 4, surge uma espécie de distanciamento que, logo se rompe ao afirmar que o louco é eterno. Destarte, essa tentativa da autora de mostrar-se vulnerável diante da angústia que sentia pela loucura e pela morte. Assim, ao se distanciar do louco, faz transparecer em certos momentos uma tentativa de retirar de si, o rótulo de louca que pesa sobre ela desde a infância.

Ou, “**estar internado no hospício não significa nada**” Cançado (1968, p.25), percebe que não tem como romper com a rotulação social e a exclusão internalizada na própria loucura. Pois, essa é uma luta constante na vida do portador de distúrbios mentais, então, para a narradora tanto faz estar no hospício, porque essa luta é a mesma fora dos muros. Assim, a autora resiste e luta contra a morte, nesse caso, a morte social.

Recorte 5

Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vivi aqui. Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas, somos contadas como se deve fazer como os criminosos nos presídios. Pretendo mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo. Sou um número a mais. Um prefixo humilde no peito do uniforme. Quando falo, minha voz se perde na uniformidade que as internadas que nos confunde. Ainda assim falo. Falo à dona Dalmatie, ao médico, às internadas como eu. Falo comigo. E falo a – que não existe para mim. A inutilidade do meu falar constante. Cerca-me o Nada. O Nada é um rio parado de olhar perdido. Não creio, mas se cresse seria bonito. Não creio, e tenho o Nada – e o Hospício. (CANCADO, 1968, p. 58)

No recorte 5, a intertextualidade ao citar o livro “O muro” de Sartre, para fazer analogia entre o hospício e a prisão a qual os condenados à morte esperavam por

perder suas vidas. Ao mergulhar no existencialismo de Sartre, Cançado (1968) questiona sobre o que separa a vida e morte; a loucura e a sanidade; e reafirma a distância. Observamos a tentativa de por essa intertextualidade como mensagem subliminar, reforçando assim o papel do intelectual que joga com as palavras para dizer algo não perceptível a todos. Um certo ar de superioridade e distanciamento.

A distância que separa os “loucos” dos ditos normais (o conceito de normalidade e anormalidade é uma construção social que emergirá como meio de higiene social), daí surge a imagem de muros que envolvem o ser “louco” impedindo que se liberte dos estigmas sociais, assim, também dos muros do hospício. Em “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” de Stela do Patrocínio, a ideia do muro também aparece na figura dos portões do hospital, os quais Stella desejava ultrapassar, mas era impedida pelos guardas.

É o internamento que enraíza suas práticas nesta intuição profunda? É pelo fato de a loucura, sob o efeito do internamento, ter realmente desaparecido do horizonte clássico que ela foi, afinal, delimitada como não-ser? Perguntas cujas respostas remetem-se uma às outras numa circularidade perfeita. É sem dúvida inútil perder-se no ciclo dessas formas de interrogação, ciclo que sempre recomeça. (FOUCAULT, 1978, p.177)

A escrita da obra de Stela aproxima-se de “hospício é Deus” por servir como denúncia, dos maus tratos e da violência no tratamento dos internados nos hospitais psiquiátricos. Nos recortes 6 e 7, podemos notar semelhanças entre as duas escritas, no que tange ao sofrimento vivenciado pelas escritoras. Além de configurar-se como literatura de resistência, por ser ambas escritas no hospício, e, por supor que as pessoas adoecem enquanto se encontram presas no hospital.

Recorte 6

“Fiquei vinte e quatro horas sem comer nem beber, nua no cimento. No dia seguinte as guardas mandaram que dois doentes me levassem para o banho, ainda nua, abusavam da minha nudez enquanto elas riam” Cançado (1968, p.43).

Recorte 7 extraído do livro: “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”

*Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e remédio.
E era um banho de chuveiro, uma bandeja alimentação.
E a viagem sem eu saber para onde ia
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova. (PATROCÍNIO; 2001, p.53)*

O texto literário do livro “Hospício é Deus”, não pode ser considerado em sua totalidade como uma descrição da realidade. Pois, é uma autobiografia organizada como um diário ficcional com elementos de outros gêneros literários. Enfim, existem elementos que são ficcionais, além de conter momentos de “delírios” e “ausências” provenientes do distúrbio mental, como no recorte abaixo:

Recorte 8

*Ele: Quais são suas intenções a meu respeito?
 Eu: reconheço sua boa vontade, mas não creio nas pessoas e não tenho culpa. Minhas intenções a seu respeito não são más. O senhor é simpático, sensível e desconfiado. Julgo-me atraente. O senhor também me julga. Mas o que estou pensando? Eu devia ser mais honesta e conscienciosa. Eu me sinto demasiado. Por que ele hei mentir-me sempre? (Como? - não estou mentindo. É que não sei ser de outra maneira.) Dr. A., ignoro o que pretendo, ignoro mesmo se pretendo alguma coisa. Sou demais deficiente, mas não sei até onde isto me incomoda. (CANÇADO, 1968, p.39)*

Neste recorte exibe a intencionalidade do personagem mostrar-se como a pessoa que estava no controle da situação, quem define os rumos do diálogo, ao se colocar na posição do “eu” no discurso, ela assume a autoria do discurso. Mas, vale ressaltar que em toda formação discursiva existe a interferência de outras formações discursivas, ou seja, uma formação discursiva é formada por uma ou mais formações discursivas.

Recorte 9

É negro. Deve sofrer com isso. Parece-me conflitado. Seu complexo de inferioridade motivado por sua cor é demais visível. Não o creio muito inteligente. Sua única pequena cultura é científica (admito certa precipitação neste julgamento e é minha esperança. Caso contrário, como poderia respeitá-lo?). A despeito das deficiências é-me simpático e gostaria de ajudá-lo.

Quando pensamos nos discursos produzidos por Cançado (1968), precisamos analisar as condições sociais de produção desses discursos, os lugares sociais e as instituições. Assim, seus discursos estão atravessados pelas ideologias familiares, religiosas, científicas, de classe, políticas dentre outras.

A influência das ideologias numa formação imaginária construída pela autora que põe o outro como inferior a ela, motivada pelo racismo que coloca o negro em condições de inferioridade em relação ao branco, como alguém desprovido de

capital cultural. E, mesmo vivendo numa situação de marginalização, a escritora não consegue desvencilhar-se das ideologias impregnadas por uma burguesia aristocrática da qual tanto se orgulha de pertencer.

Portanto, o discurso produzido na loucura, exposta por Cançado (1968), não é livre da influência das ideologias, porque é no discurso que a ideologia se materializa. Conforme Orlandi (2009, p.17), a relação língua, discurso e ideologia se completa na teoria apresentada por Pêcheux (1975), ao afirmar que não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. E, é na ideologia que o sujeito é assujeitado.

Para Orlandi, é no discurso que podemos perceber a relação entre língua e ideologia na produção de efeitos de sentidos para os sujeitos. Logo, podemos observar através da escrita de Cançado (1968) como a Ideologia, os meios de produção e a instituição provocam o deslocamento do sujeito, ora, interpela-se, ora, é assujeitada na posição de sujeito pela instituição.

Recorte 10

Serei mesmo PP? Foi o diagnóstico que Dra. Sandra também me deu, posteriormente. Agora possuo um rótulo até mesmo bonito: Personalidade Psicopática. Isso levou aquele médico bonito a rir e se afirmar “como o que sabe”. Isso me fez tolerar impotente sua risada. Isso me marginalizou de todo. Na minha ficha do hospital meu nome não tem valor.

Conforme Goffman (2002), as instituições promovem o mutilamento do “eu”, quando o interno chega à instituição começa a passar por processos os quais o “eu” da pessoa é mortificado, e passa a ser padronizada. Então, podemos observar a descrição da entrada no hospício por Cançado (1968), a troca de roupa pelo uniforme, para generalizar o indivíduo, o retirando do seu lugar, do mundo.

Recorte 11

Pareço ter rompido completamente com o passado, tudo começa do instante em que vesti este uniforme amorfo, ou, depois disto nada existindo - a não ser uma pausa branca e muda. Estou aqui e sou. É a única afirmativa, calada e neutra como os corredores longos. Ou não sou e estou aqui?- Cada momento existe independente, tal colcha formada de retalhos diferentes: os quadradinhos sofrem alteração, se observados isolados. Então formam um todo. (CANÇADO, p.31)

A colcha de retalhos, o todo, é a loucura, os quadradinhos que formam a colcha são os loucos na sua singularidade e especificidade. Será, então, a loucura uma instituição que interpela o indivíduo em sujeito-louco? Ou, é loucura a condição de produção dos discursos científicos/psiquiatria que deslocam os sujeitos-outro para tornar-se o sujeito louco?

Lembremos que foi a partir da construção do sujeito cartesiano, a loucura foi deslocada do lugar social o qual ocupava e passou a ocupar o espaço da lepra no sistema de exclusão, segundo Foucault (1978). Tal fato ocorreu porque, para o sujeito cartesiano apenas o pensamento lógico é tido como verdadeiro. Então, pelos loucos não se enquadrarem nessa posição ideológica científica, foi considerado como não sujeitos.

Toda operação de pensamento remete a um dispositivo de transmissão que o estrutura a partir do interior e do qual não pode ser dissociada. É preciso, conseqüentemente, interessar-se por estes "processos de organização", pensar a instituição não como um organograma estático, mas como um complexo que também inclui gestos e modos de relação entre os homens. A ideologia não deve ser concebida como "visão do mundo", mas como modo de organização, legível sobre as duas vertentes da prática discursiva. (MAINGUENEAU, 2001, p.60)

Então, compreender os papéis sociais assumidos pelos sujeitos que se encontra na loucura, e sabendo que, não existe neutralidade da língua. Enfim, a formação discursiva do sujeito louco é atravessada pelas ideologias e por outras formações discursivas. Exemplos disso são as citações de textos, de autores reconhecidos nas diversas áreas de conhecimento para criar uma representação do intelectual.

Existem, algumas pistas textuais que ajudam a entender a maneira como o sujeito é interpelado/assujeitado no diário. ***Que passa comigo? Serei considerada psicótica? Os médicos não me parecem levar sério, embora troquem olhares quando falo, como surpreendidos com minha lógica. Eu estava conversando com doutora Sara. Foi a primeira vez que tive internada, ainda no IP. Um médico entrou, se pôs a ouvir interessado. Depois deu uma risada e exclamou: “— Esta é PP. Não há dúvida”. PP quer dizer personalidade psicopática. Não entendi a sigla.*** O discurso médico não só assujeita o sujeito, como também o rotula, sem nenhuma preocupação com as implicações que isso possa ocasionar ao indivíduo.

Logo, diante dos resultados obtidos na pesquisa conclui-se que a interpelação do sujeito-louco, passa por um processo de assujeição, onde, as ideologias e as relações de poder estabelecem limites de liberdade e autonomia dos indivíduos considerados como loucos. Assim, nega-se o lugar de dizer, deslocam o “louco” para o lugar de uma escuta silenciosa, a qual Maura Lopes Cançado não aceita participar sem resistir. Tendo em vista, as inúmeras camadas de análise salientaram que a pesquisa encontra-se em aberta, e pretendemos dar continuidade futuramente por acreditar neste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma inquietação motivada individualmente na academia, esta monografia apresenta as interpretações que finalizam esta pesquisa científica, a qual abordou a temática sobre a constituição do sujeito na loucura na obra da escritora Maura Lopes Cançado, *Hospício é Deus*. Procuramos observar aspectos relevantes à aplicação de procedimentos para a Análise do Discurso, dentre eles: estudos detalhados sobre a formação discursiva e a constituição do sujeito na psicanálise e na literatura, enfatizando a interdisciplinaridade de conhecimentos.

Com base nos aportes teórico-metodológicos, cuja vertente concentrou-se na Análise do Discurso, faz jus retornarmos ao nosso objetivo: compreender a constituição do sujeito dentro da loucura na obra de Maura Lopes Cançado, para dizer ser plausível verificar, com os objetivos específicos: analisar as relações entre a literatura e a loucura; observar as relações de poder no hospício; observar o interdiscurso na Formação Discursiva, que nossa pesquisa conseguiu estabelecer relações entre as propostas elencadas, principalmente após a análise dos dados da obra que proporcionou compreender como se opera a interpelação dos indivíduos em sujeitos.

A partir de pesquisas bibliográficas, de autores nas áreas da Análise do Discurso e da literatura, que destacaram as reformulações históricas que passaram o conceito de sujeito, foi possível compreender a importância dessas teorias nos estudos da linguagem. Além disso, o desafio foi realizar o cruzamento entre estas áreas de conhecimentos específicas demanda elaborar novas estratégias para alcançar os objetivos.

Diante das constatações da análise nas leituras apreendidas, a pesquisa se constituiu numa atividade acadêmica cuja relevância concentrou-se na compreensão do sujeito-louco visto dentro de uma instituição como o hospício e no mundo. Além disso, a pesquisa desenvolveu habilidades de interpretação e aplicabilidade dos procedimentos de análise de enunciados.

Ressalta-se que, com base nas considerações estruturadas na pesquisa, pensamos em sua aplicabilidade para promover a sociabilização de pessoas com distúrbios mentais junto aos Centros de Atendimento Psicossocial-CAPS. Além de abriu uma nova discussão na desconstrução dos estereótipos que cercam a loucura.

Para alcançar o objetivo da pesquisa elaboramos o planejamento da

metodologia científica de caráter bibliográfico, nos detemos de conceitos e seleção dos pressupostos teóricos que embasaram os estudos funcionaram como um instrumento que proporcionou organizar a coleta e produção dos dados, as análises e os resultados da pesquisa.

Apesar dos cuidados empreendidos, e da aplicação da metodologia de forma eficiente para garantir a qualidade e validação dos resultados, a pesquisa encontrou limitações tais como:

- 1. Abranger os recortes da pesquisa para maior aprofundamento;**
- 2. Aplicação mais intensiva da análise literária aliadas aos procedimentos e métodos da Análise do Discurso.**

Entretanto, as limitações não depreciam a qualidade e nem os resultados obtidos da pesquisa. Em relação às recomendações na continuidade da pesquisa, para responder às questões que surgem como possibilidade de aplicação, é possível ampliarmos a pesquisa aos espaços físicos dos Centros de Atendimento Psicossociais - CAPS e assim, estabelecer parcerias para que a pesquisa seja aplicada numa experimentação *in loco* junto às instituições de saúde especializadas no cuidado e tratamento da saúde mental.

Enfim, consideramos que os resultados desta pesquisa, poderão servir como ponto de partida às novas compreensões sobre o tema e que a constituição do sujeito em Hospício é Deus, ocorre pelo assujeitamento do sujeito pela loucura, as ideologias impregnadas (in) voluntariamente nas práticas sociais discursivas e a aceitação deste papel social que determina a formação imaginária do outro. Assim, o indivíduo é condicionado a interpelar-se a partir das relações que estabelece com o outro e os discursos-outros.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Walter José Evangelista Maria Laura e Viveiros de Castro.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013. Trad. Paulo Bezerra.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004. 122 p.
- BRASIL. Presidência da República. Congresso Nacional. **LEI Nº 7.209, DE 11 DE JULHO DE 1984**. 1984. Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1980-1988/L7209.htm#art26. Acesso em: 20 fev. 2021.
- BENVENISTE, Émile. "**Da subjetividade na linguagem**". Em Problemas de lingüística geral I. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP; Pontes, 1988. P. 284-293
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. 199 p. Edição revista pelo autor.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 400 p. Tradução Waltensir Dutra.
- ELIA, Luciano da Fonseca. O sujeito e o conceito. In: ELIA, Luciano da Fonseca. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2010. Cap. 1. p. 10-17.
- FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso - reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FINK, Bruce. **O Sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de J: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998. Maria de Lourdes Sette Câmara.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 239 p. (1). Luis Felipe Baeta Neves.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 70 p.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martin Fontes, 2001. 479 p. Eduardo Brandão.
- FRAYZE-PEREIRA, João. **O que é loucura**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

HIDALGO, Luciana. A loucura e a urgência da escrita. **Alea Estudos Neo Latinos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 227-242, dez. 2008. Semestral.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1965. 235 p. Coordenação Leandro Konder.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 202 p. Tradução Mariana Appenzeller; Revisão da Trad. Eduardo Brandão.

MALDIDIER, Denise. **O tempo das grandes construções 1969-1975**. In: MALDIDIER, Denise. A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje!. Campinas: Pontes, 2003. Cap. 3. p. 19-59. Eni P. Orlandi.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 20012. 282 p. Revista e ampliada.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. Ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PÊCHEUX, Michel. **Language, semantics and ideology**, Mac-Millan, London, 1982. (Trad. brasileira: Semântica e Discurso, Editora da UNICAMP, 1988.)

PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. Cap. 7. p. 311-319. Tradução Bethania S. Mariani, Eni Pulcinelli Orlandi, Jonas de A. Romualdo, Lourenço Chacon J. Filho Manoel Gonçalves, Maria Augusta B. de Matos Péricles Cunha, Silvana M. Serrani Suzy Lagazzi.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas**: Editora da UNICAMP, n.19, p. 7-24, [1982] 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823/4544>>. Acesso em: 24/12/2020.

PATROCÍNIO, Stela do; MOSÉ, Viviane (org.). **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001. 160 p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein.